

NOTAS SOBRE AMIZADE E MÁQUINAS DO SÉCULO XVIII

Luiz Guilherme Augsburger¹

Resumo: Em meio à formação da modernidade e dos aparelhos estatais modernos, a amizade que se proliferava nos textos e meios de sociabilidade iluministas aparecia como uma relação no mínimo ambígua. Ela operava tanto como *máquina de fabricar*, produzindo e capturando corpos, fluxos e devires, e conformando-os às normas, às macropolíticas e às dinâmicas do Estado moderno; como também agia como um catalizador de diferenças, uma *máquina de criar* a partir da qual se engendravam devires, nomadismos, desterritorializações e linhas de fugas. E isto não como um paradoxo, como uma dialética ou numa lógica de corrupção ou desvio, mas como parte da própria dupla-articulação que compunha tais relações.

Palavras-chave: Amizade-filiação; amizade-aliança; Iluminismo.

1. “Was ist Aufklärung?”

“Was ist Aufklärung?” perguntara uma vez um inocente leitor setecentista de um jornal alemão. De pronto os homens esclarecidos da época saltaram de suas cadeiras para responder à pergunta, mas poderiam eles realmente dar uma resposta satisfatória? Caminhando um pouco pelas diferentes línguas europeias encontra-se: Iluminismo e *Le Lumières* e *Enlightenment* e *Ilustración* e *Aufklärung* e... As palavras não dão conta, mas elas tentam, e através delas se vai tentando. E nos arriscamos uma fórmula: Iluminismo, a soma de uma atitude crítica e de um desejo de esclarecimento. Soa pouco, muito pouco, mas é que não se trata só de uma questão de linguagem, a própria forma do Iluminismo o torna um “objeto” difícil. Enquanto movimento, não possuía uma unidade teórica, não constituía uma escola filosófica. Seria reducionista enquadrá-lo como um movimento apenas filosófico, pois sua geografia do pensamento cobria territórios que hoje nomearíamos como várias áreas distintas (ciências exatas, naturais e humanas...), como também vagava por campos sociais que não eram apenas o da intelectualidade. O Iluminismo era político e moral – uma questão de Estado. Dizemos mais, uma questão de “Estado moderno”. O Estado moderno e seus aparatos, que emergiam no século XVIII, tinham inevitável diálogo com o Iluminismo. Este diálogo, por vezes tornava-se tão consonante que se poderia crer que o Iluminismo era plenamente um aparato estatal ou que era a própria voz do Estado. A voz e o pensamento de um Estado que ganhava mais e mais funções de codificar e agenciar a sociedade, insinuando-se por corpos, espaços e tempos que antes não lhe cabiam. Ele tornava-se a grande máquina abstrata da sociedade moderna, materializando-se em Escolas, Prisões, Quartéis, Fábricas, Hospitais, Hospícios, Famílias, mas também, no Amor e na Moral... O Iluminismo expressava seu sedentarismo em sua vontade de verdade que, usando-se da atitude crítica, foi racionalmente devorando tudo pelo caminho, chegando, em uma espécie de síndrome-de-Ouroboros, a morder o próprio rabo: em seu ápice ele dobrou a atitude crítica sobre si mesmo e sobre a própria razão – o nó kantiano. Neste movimento de produção da verdade o Estado moderno iria potencializado, a verdade devia estar apartada da religião. O pastor, o Rei-Sol, Aquele-que-representa-a-vontade-de-Deus-na-terra perdiam força e, em seu lugar, emergia um ser sem face, sem nome e quase tão onipresente quanto o deus cristão. O rebanho ia tornando-se população – populações de corpos-máquinas, populações-cifras... A Igreja fora captura e tornara-se “apenas” uma ferramenta do Estado moderno. A verdade parecia se afastar da moral religiosa, mas o casamente entre verdade e moral é um união muito íntima (e profícua) para que se tivesse

¹ Graduado em História. Membro do grupo de pesquisa Políticas de Educação na Contemporaneidade da Universidade Regional de Blumenau – FURB. E-mail: lui zg.augs@gmail.com

posto um fim a ela. Os homens das Luzes, os professores da verdade se multiplicavam e com eles uma “nova moral”, a moral laica, ganhava força. Essa moral, sob a luz da Razão, visava levar a virtude aos homens, tanto como forma de esclarecer-lhos, quanto como meio de aperfeiçoar a sociedade – o Esclarecimento, *Aufklärung*, o “projeto” iluminista...

2. Nutriologia do esclarecimento, ou uma boa companhia para uma boa digestão

Em uma jeitosa mesa de almoço, típica do século das Luzes, numa antiga cidadezinha prussiana qualquer, figuravam três ilustres convidados e um ilustre anfitrião reuniam-se para uma ilustre refeição regada a conversas – ilustres... O que faziam estes homens? *Aufklärung*. Acreditava o anfitrião que era imprescindível para o projeto do Esclarecimento o sociabilidade, do contrário a digestão solitária dos pensamentos poderia levar a uma indigestão. A vida solitária era vista, de modo geral, com desconfiança: Como os tentáculos da maquinaria estatal alcançaria as profundezas da alma se a moral agora não dispunha do processo de confissão religiosa? Quem vestiria o hábito? Assim como a estratégia daquele anfitrião prussiano para se esclarecer, muitas outras formas foram experimentadas e a solidão era evitada em todas elas. A amizade, a boa companhia, estavam muito presente. Nas penas iluministas a questão não era apenas a existência de alguma companhia, mas o cultivo da boa companhia. O que implicava mais do que ser rodeado de pessoas com os saberes adequados (como seria a lógica racionalista do renascimento), implicava estar rodeado de pessoas com os sentimentos adequados, pessoas movidas pelas vontades corretas – um refinado enlace entre razão e paixão, entre a potência Desejo e a força da Razão. As ações dos pensadores das Luzes, fossem em suas escritas, fosse em seus aconselhamentos, tinham como alvo desde os governantes – e a necessidade de bem selecionar aqueles que os rodeavam –, às solidões e companhia íntimas da casa, do trabalho e de outras instituições. Numa sociedade individualizante os amigos poderiam cobrir um espaço da geografia dos corpos que outras máquinas de esclarecimento não poderiam. Confessar para o amigo era ainda mais potente que para o padre. Enquanto o padre deveria amar a todos igualmente, divinamente, numa espécie de *Ágape*, o amigo poderia ser muito mais intenso em sua *Philia*. Por amor ele poderia garantir a ordem e o progresso. Por amor os amigos virtuosos desejavam o esclarecimento do outro e de si mesmo o que era o caminho para o desenvolvimento da sociedade, e também era caminho para o enriquecimento (acumulação e circulação de capital financeiro e cultural), e para o “bom governo” dos prazeres e do corpo, do labor da fábrica até os exercícios físicos para saúde tornar-se mais produtivo. O esclarecimento, gestão das riquezas e governo das paixões estavam conexos, uma levava ao outro ou o reforçava. Em suma havia uma face moralizante do amigo, que conspirava para o bom funcionamento da sociedade capitalista e burguesa, agenciado os indivíduos através do amor... Mas esta intensidade da *Philia* tinha suas disfunções para Estado: o devir, os devires!

3. Amizade ilustre e esquizofrenia e nomadismo e linhas de fuga e...

Se por um lado àquela amizade ilustre seria imputável a filiação enquanto uma característica, havia, numa dupla-articulação, também a característica de aliança. A filiação buscava garantir a hereditariedade dos valores, práticas e saberes modernos, enquadrando, sedimentando e capturando os devires, as intensidades e as criações presentes nas relações de amizade – como uma poeira que nômade voava com os ventos e então, aos poucos, vai se juntando ao solo e depois torna-se dura rocha sedentária. Já, enquanto uma aliança, a amizade permitia outra coisa, ela dizia dos devires, das intensidade e das criações, ou seja, a amizade-aliança era uma máquina-nômade, uma produtora de linhas de fuga. Era no espaços de liberdade e intimidade

e confiança e amor e encontros e diferenças que os devires emergiam: as amizades indesejadas e perigosas e marginais e pederastas e... E isto antes mesmo da ação da amizade-filiação. Pois seu caráter capturador-sedimentador só podia agir sobre aquilo que as alianças haviam produzido. O devir é anterior à captura. A amizade é criadora antes de ser reproduutora. O que não significa que a filiação seria uma disfunção, ou uma inversão, ou um desvio, ou uma corrupção, ou uma paranoíia, ou... A filiação fazia parte daquela amizade ilustre tanto quanto a aliança. Não se tratava de uma disjunção exclusiva (ou a amizade é aliança ou a amizade é filiação), mas sim de uma conexão conjuntiva (amizade é aliança e filiação e...). Era a própria atitude crítica do iluminismo, era a própria liberdade liberal promulgada pelo Estado moderno, era a própria individualidade burguesa e o subsequente pulular da intimidade que permitiam à amizade ser tanto criativa quanto filiativa ou capturadora. Hoje, talvez essa amizade esquizofrênica estaria sendo tratada à base de fármacos e terapias para sua reintegração pacífica à sociedade, talvez...